

Aula 003 – Habacuque – Capítulo 2

A. O PROFETA VIGIA PELA CENSURA À SUA ESTULTÍCIA.

Habacuque 2:1 Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza e vigiarei para ver o que Deus me dirá e que resposta eu terei à minha queixa.

Habacuque tem plena consciência da audácia de suas recentes observações.

Ele desafiou a propriedade do propósito do próprio Senhor. E é compreensível que ele se prepare para receber uma reprimenda direta do Senhor.

Habacuque sabe que, conforme a natureza do ofício profético em Israel, somente a revelação divina poderá responder à sua perplexidade.

Os caminhos de Deus são mais altos do que os caminhos do homem.

Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza.

Três exemplos anteriores de profetas que “se colocaram na torre de vigia” como fez Habacuque com o fim de receber a revelação de Deus foram:

- Moisés se pôs na brecha da rocha e “vigiar” a fim de ver a glória de Deus passar diante dele (Ex 33.21-23).
- Balaão se afastou a fim de “vigiar” pela revelação que Deus poderia lhe trazer (Nm 23.3).
- Elias recebeu a ordem de ir para as montanhas e “vigiar” pela revelação de Deus que viria (1 Rs 19.11).

De modo semelhante, Habacuque se posicionou numa torre de vigia a fim de “vigiar” pela revelação que viria de Deus. Embora fosse uma figura solitária, ele representava o povo de Deus como o mediador profético nesta conjuntura crítica de sua história.

Vigiaréi para ver o que Deus me dirá.

Habacuque se encontra totalmente envolvido em todo esse procedimento e aguarda uma mensagem para todo o povo de Deus.

O papel profético de ser “vigia” velando pela palavra de Deus foi descrito em dias anteriores, quando o Senhor ordenou a Isaías pôr um “atalaia” em seu posto (Is 21.6). Esse atalaia profético ficou em sua “torre de vigia” dia após dia, permanecendo em seu posto noites a fio (Is 21.8). Finalmente, a revelação divina chegou.

O “vigia” que espera pela palavra de Deus permanece em nítido contraste com aqueles que recorrem às suas imaginações.

Que resposta eu terei à minha queixa.

Embora Habacuque evidentemente aceite a sua postura de profeta vigiando à espera da palavra de Deus, ele introduz uma perspectiva distintiva a respeito de suas próprias expectativas. Ele vigiará, porém simultaneamente ficará preparando uma resposta à repreensão que espera do Senhor. Habacuque se atrevera a questionar a revelação

anterior do Senhor, a qual fora em resposta à sua queixa. Ele não entendia como o Senhor podia tolerar a destruição de seu próprio povo pelas mãos de bárbaros cruéis. Agora ele espera pela resposta do Senhor à sua censura posterior, pois dificilmente poderia esperar outra coisa senão repreensão.

É difícil imaginar o profeta de antemão se preparando para responder a uma reprimenda da parte do Todo-Poderoso, mas em seu diálogo contínuo com Deus, em termos de repreensão e resposta, Habacuque adota um padrão que reflete um procedimento reconhecido na busca de sabedoria em Israel.

Ao buscar compreender os caminhos de Deus em relação a ele, Jó anseia “defender” sua causa diante de Deus (Jó 13.3). Ele suplica a seus amigos que escutassem sua “defesa” e os “argumentos” de seus lábios (v. 6). Ele anseia encontrar Deus para que possa encher sua boca com argumentos (23.4).

Por meio desta maneira ousada de entrar em disputa com Deus, os sábios de Israel esperam receber esclarecimento divino para suas perplexidades.

Semelhantemente, no livro de Provérbios, o Senhor aparece como aquele que instrui pela correção. A sabedoria ensinará a pessoa a atentar para a repreensão do Todo-Poderoso (Pv 1.23). Grande calamidade recairá sobre os néscios que não ouvem sua repreensão (1.25,30). O papel da repreensão divina a comunicar sabedoria é um tema que aparece em numerosos outros provérbios (cf. 6.23; 10.17; 12.1; 13.18; 15.5; 10,31-32; 27.5; 29.1,15).

De acordo com essa tradição, Habacuque se prepara para a repreensão do Senhor.

Ele se atreveu a quebrar o silêncio, ocultando a relação de seu povo com seu Deus. Agora, tendo iniciado este diálogo, ele se prepararia para responder à repreensão que certamente chegaria.

B. O SENHOR GENTILMENTE REVELA SEU PROPÓSITO PARA AS ERAS (2.2-20)

Surpreendentemente, a resposta do Senhor ao desafio do profeta chega sob a forma de uma visão de esperança que o profeta deve escrever para as gerações futuras.

Deus não esbraveja com o profeta por causa de suas acusações, ao contrário das expectativas de Habacuque. Primeiro, ele lhe transmite uma visão que contrasta o Justo pela fé com o soberbo resoluto (2.2-5).

Ele então oferece cinco máximas proverbiais que ridicularizam o soberbo (2.6-20).

Habacuque 2:2 O SENHOR me respondeu e disse: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo.

A resposta do Senhor veio sob a forma de uma visão. Este fato retira imediatamente essa palavra da esfera de uma resposta pessoal dirigida só ao profeta. Embora seja concebível que o Senhor tenha agraciado seu profeta com uma mensagem pessoal pelo uso de uma visão, o padrão típico de revelação profética do Antigo Testamento

pressupõe que Deus comunica a visão a seu profeta na qualidade de mediador de uma mensagem divina.

As instruções específicas: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, ressalta sua significação não só para o momento crucial em que Habacuque vivia, mas também para as gerações vindouras. O contexto pressupõe uma alusão intencional à gravação das “dez palavras” originais do livro da aliança (Êx 31.18; 32.15-16; Dt 9.10). Originalmente, Israel também fora instruído a “gravar” nas pedras caiadas todas as palavras da lei e a escrever “bem distintamente” essa inscrição (Dt 27.8).

Agora Habacuque é instruído a fazer bem nítida sobre tábuas a visão que lhe fora dada. Esta ação reflete o padrão há muito estabelecido de gravar uma cópia nova da lei pactual como um passo essencial na renovação da aliança.

Isaías fora instruído a escrever sua revelação num “rolo” e numa “tábua”, enquanto Jeremias recebeu a ordem de escrever num “livro” (Is 8.1 ; 30.8; Jr 30.2).

Como se não bastassem esses fatores, o significado dessa visão encontra maior ênfase na razão dada para sua inscrição nítida. Habacuque devia escrevê-la com clareza sobre as tábuas para que a leia até quem passa correndo. Em vez de significar um painel com um letreiro tão grande que uma pessoa que passasse correndo pudesse ler, o contexto de uma visão profética gravada sobre tábuas para os tempos futuros pressupõe a “corrida” de um mensageiro a “proclamar” a visão.

Os profetas são frequentemente apresentados nas Escrituras como que “correndo” com seu anúncio.

O Senhor, por meio de Jeremias, protesta contra a atividade dos falsos profetas:

Jeremias 23:21 Não mandei esses profetas; todavia, eles foram correndo; não lhes falei a eles; contudo, profetizaram.

Nesse pronunciamento de Jeremias, é bastante claro que “correr” (com uma mensagem) é equivalente a “profetizar”.

De modo semelhante, Geazi deveria “correr” por Eliseu (2Rs 4.26) e Zacarias ouve o Senhor ordenar a seu mensageiro que “corra” para entregar sua mensagem (Zc 2.4).

A tarefa desse mensageiro corredor indica que ele tem a responsabilidade de proclamar a mensagem.

Agora Habacuque luta com uma tensão.

Como poderá Deus cumprir suas promessas feitas a seu povo quando ele está para devastá-lo? A resposta divina à sua perplexidade seria gravada sobre tábuas, e muitos mensageiros nos tempos futuros deverão correr com a mensagem que resolve este problema. Justamente a demora que Habacuque deve aceitar fornece um indicador adicional de significação mais ampla da visão. Ela não se destina meramente à geração de seu tempo. Ela aponta para os tempos vindouros.

Habacuque 2:3 Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará.

Essa visão não só tem um significado que a torna comparável à revelação que Moisés recebeu no monte Sinai. Essa visão é também digna de nota por seu caráter básico: é escatológica e é infalível. Sua realização aguarda eventos que ainda estão no futuro, os quais ajudam o profeta a entender por que a visão precisa ser escrita.

Abraão tinha de crer ainda que sua esposa já houvesse passado da idade de ter filhos, porque nada é impossível para Deus. O mensageiro que apareceu ao patriarca deixou bem claro que o cumprimento da promessa relativa ao nascimento da semente há muito aguardada seria “neste mesmo tempo” (Gn 18.14). Não de acordo com o tempo ansiosamente concebido pelo homem, mas era de acordo com o decreto divino e imutável que a promessa se cumpriria.

Como se observa, o problema de Habacuque era essencialmente o mesmo de Abraão.

Como poderia Deus ser fiel à sua promessa se seu povo fosse exterminado?

Então Habacuque teve de enfrentar em seus dias a dura realidade da devastação do povo de Deus por meio do exílio.

Contudo, ele devia crer que nada é impossível para Deus.

Pois sua visão seria cumprida no tempo determinado (cf Dn 10.14; 11.27,35).

O tempo determinado e o alvo para essa visão é o seu cumprimento total.

Somente no “fim” a esperança de Habacuque seria satisfeita.

O significado desse fim, também traz a luz o estágio final da obra de Deus com o propósito de redimir seu povo.

No tempo de Daniel, o “tempo determinado” e o “fim” evidentemente possuem significados escatológicos (cf Dn 8.17,19; 11.35,40; 12.9). Mas, mesmo por ocasião da visão de Habacuque, o fim era bastante apropriado, particularmente em vista do evento aterrador do exílio que a nação encarava.

A questão levantada por Habacuque merece uma resposta com dimensões escatológicas. Sua perplexidade e suas sondagens foram bem direcionadas.

A devastação iminente do próprio povo de Deus nas mãos dos caldeus era uma questão importante.

Essa visão que ora é dada a Habacuque tinha não só um caráter escatológico. Pela própria natureza do caso, ela era certa e verdadeira, a despeito de todas as aparências em contrário. Essa visão era para o tempo determinado; ela se apressa para o fim; e ela não falhará. O profeta é admoestado: se tardar, espera-o.

Esta maneira de descrever o futuro sempre força o profeta a esperar esperançosamente, e enfatiza a iminência da ação divina para cumprir sua palavra. A qualquer momento o Senhor pode dar início àqueles eventos que trarão o cumprimento dessa promessa.

A certeza do cumprimento dessa visão, a despeito de todas as aparências em contrário, encontra reforço nas frases finais deste versículo: porque, certamente, virá, e não tardará. (Nós e nossa esperança).

Habacuque 2:4 Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé.

O soberbo não pode ser reto. Tal indivíduo não pode ser reto em si mesmo. O orgulho de sua própria pessoa o condena. Esta posição de orgulho e autoconfiança também exclui do soberbo a possibilidade de encontrar uma justiça fora de si mesmo. Pois ele presume definir-se como a fonte de sua própria bondade. A consequência de tal auto exaltação é vista concretamente em outro ponto no caso de Israel “agindo presunçosamente”:

Números 14:44 Contudo, temerariamente, tentaram subir ao cimo do monte, mas a arca da Aliança do SENHOR e Moisés não se apartaram do meio do arraial.

Eles foram derrotados sem misericórdia por seus inimigos, porque presumiram que em si próprios havia recursos suficientes para a vitória.

Então, por meio dessas palavras da Escritura de Habacuque, fica claro que o soberbo não pode ser reto. Consequentemente, eles tampouco podem viver. Terão de enfrentar condenação e juízo. Para Habacuque, poderia parecer que os caldeus impetuosos e orgulhosos continuariam a prosperar. Contudo, o fato de que sua alma não era reta neles, deveria ser um indicador suficiente de seu juízo final.

Mas o justo viverá pela sua fé. Agora se apresenta o aspecto complementar da visão de Habacuque.

O conceito de justiça, no Antigo Testamento é ligado de forma inseparável à ideia de uma sentença judicial. As questões de certo e errado eram habitualmente consideradas de um ponto de vista legal como assuntos que deviam ser decididos por um juiz.

Considerando a base da relação de aliança de Israel com Deus, como poderia ser de outro modo? A nação está profundamente consciente do fato de que é um povo pactual, obrigado por um juramento solene com consequências de vida e morte centradas na lei solenemente ditada pelo Senhor da aliança.

Tudo dependia da decisão legal do Deus da aliança.

Era o dever do juiz terreno, garantir que sua versão correspondesse à decisão já feita pelo Senhor do céu e da terra.

Portanto, no contexto do Antigo Testamento, a justiça deveria ser considerada antes de tudo como um termo mais religioso, que ético.

A mensagem de que uma pessoa “viverá por fé” apresenta o fato de que a vida é um dom, recebido graciosamente das mãos de Deus.

Em contradição com o “soberbo” que não é “reto” em si mesmo e, portanto, deve morrer, aquele que confia na graça de Deus para sua existência viverá.

Ele sobreviverá às devastações do juízo de Deus.

A fonte da verdadeira justiça sempre permanece fora da pessoa. Se vida contínua é um dom recebido pela fé, então a justiça, que é a base da vida, teria a mesma fonte.

Os judicialmente justos de Habacuque 2.4b, portanto, são aqueles precisamente justificados como o foi Abraão.

Gênesis 15:6 Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça.

O justo viverá pela fé, então descreve o modo pelo qual a pessoa continuará a viver, e não o modo pelo qual ela é justificada. (consequência e não causa).

A localização do canal para a vida na sólida confiança de uma pessoa ocorre repetidas vezes no Antigo Testamento. Israel é exortado a ouvir atentamente a voz do Senhor e a depender dele (Dt 30.20).

Apenas pela união com Deus, a fonte da vida, é que Israel pode ter esperança de viver. Apenas por meio de uma sólida confiança, que a obediência inevitavelmente produz, é possível ser mantida esta relação com Deus que gera vida.

Anteriormente, o problema que Habacuque enfrentava consistia na perspectiva da devastação de Israel, significando o fim da vida da própria nação de Deus. A frustração do profeta em não entender a mensagem divina de juízo é expressa em sua interjeição espontânea: “não morreremos!” (Hc 1.12). A revelação que Deus lhe comunica aparentava que na verdade Israel morreria. Mas o Senhor exhibe outra visão e afirma: “O justo viverá pela fé”.

Habacuque 2:5 Assim como o vinho é enganoso, tampouco permanece o arrogante, cuja gananciosa boca se escancara como o sepulcro e é como a morte, que não se farta; ele ajunta para si todas as nações e congrega todos os povos.

As perguntas complexas de Habacuque sobre a destruição iminente de Israel suscitaram a visão escatológica de Deus, que confirma a Habacuque a realidade desta tensão com a qual o profeta deve viver.

O perverso continuará em seu caminho brutal, em prosperidade aparente, a despeito da verdadeira obra de salvação divina no justo pela fé e sua declaração da certeza da destruição final do perverso.

Se estabelece a comparação entre o justo e o injusto, usando o vinho e seus efeitos.

Daniel 5:1 ss

Então a resposta do Senhor à queixa de Habacuque oferece esperança, porém não vem dissociada também de sombria perspectiva do futuro.

Aqueles que têm crido continuarão a viver por sua fé.

Mas os perversos terão também seu dia, devorando nações por sua brutalidade.

Habacuque 2:6 Não levantarão, pois, todos estes contra ele um provérbio, um dito zombador? Dirão: Ai daquele que acumula o que não é seu (até quando?), e daquele que a si mesmo se carrega de penhores!

Havendo apresentado a essência da solução do problema de Habacuque, o Senhor então passa a aprimorar o destino certo do arrogante, que se põe em contraste com o humilde que crê. Não recebendo nada mais (e nada menos) senão o que merecem, os vangloriosos caldeus vêm a ser temas de sábios ditos articulados com o intuito de humilhá-los.

O próprio Israel fora avisado que se não observasse os mandamentos de Deus seria motivo de escárnio entre todas as nações da terra (Dt 28.37; IRs 9.7).

Agora o Senhor declara que virá o dia quando todas aquelas nações às quais os caldeus têm oprimido haverão de zombar de seu vencedor.

Nada fere mais permanentemente do que se tomar o objeto obscuro de zombaria.

O profeta começara sua queixa em vista da crueldade desenfreada entre seus próprios conterrâneos. Ele então expressou assombro ante a invasão babilônica. Mas, quantos anos transcorreriam até que a opressão cessasse de vez?

Habacuque 2:7 Não se levantarão de repente os teus credores? E não despertarão os que te hão de abalar? Tu lhes servirás de despojo.

A resposta do juízo divino continua fornecendo mais informação que a pergunta requeria. Ela revela de modo equilibrado tanto o desejo de Deus em ser misericordioso para com o pecador de coração endurecido, como Sua determinação em estabelecer a justiça na terra. Por algum período considerável. Deus mostrará sua longanimidade para com aqueles que cometeram reiterados atos de crueldade. Tais pessoas, porém, nunca devem presumir que as misericórdias de Deus continuarão por mais tempo que o momento determinado por Ele.

Mateus 24:43-44 Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá.

A retribuição divina é certa e poderá chegar sem aviso prévio.

Habacuque 2:8 Visto como despojaste a muitas nações, todos os mais povos te despojarão a ti, por causa do sangue dos homens e da violência contra a terra, contra a cidade e contra todos os seus moradores.

A razão final para esta vinda do juízo divino é a violência cruel feita à criação toda. Elementos humanos e não-humanos do mundo são da alçada do Todo-Poderoso.

Os homens e suas terras, a cidade e seus moradores têm sofrido violência indescritível. Em virtude dessas razões combinadas, os orgulhosos vencedores deverão sofrer retribuição apropriada.

A mensagem de juízo recíproco deve imprimir sobriedade à visão sentimental das civilizações modernas. Se cada pessoa, ao cobrar juros excessivos dos devedores, considerasse que nas dispensações de Deus ela deverá receber precisamente o mesmo tratamento que inflige, tal pessoa poderia ser levada ao arrependimento.

Mateus 7:2 Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.

Se os políticos e comandantes das forças militares, acostumados a agir de modo brutal e impiedoso, entendessem que eles e seu povo um dia haverão de receber o mesmo tratamento das mãos daqueles que oprimem, um lamento genuíno a Deus, por misericórdia, num contexto de arrependimento, poderia tomar-se mais frequente. Mesmo que os moinhos de Deus moam vagarosamente, eles moem excessivamente finos.

Esse provérbio divino, deixa bem claro que o Todo-Poderoso está excessivamente atento com os assuntos “não-religiosos” da desumanidade do homem para com o homem. Não apenas em alguma eternidade distante, nebulosa, mas na vida presente, a mão da justiça divina deverá retribuir ao povo conforme suas obras. Embora o equilíbrio final dos pratos da balança da justiça espere a eternidade, este exato momento mostrará uma equidade maior do que a princípio parecia.

Habacuque 2:9 Ai daquele que ajunta em sua casa bens mal adquiridos, para pôr em lugar alto o seu ninho, a fim de livrar-se das garras do mal!

A casa sobre a qual os caldeus são citados se refere principalmente à sua dinastia, embora ela possa aplicar-se também à linhagem familiar dos cidadãos comuns.

Ele deseja alojar seus descendentes fora do alcance de seus inimigos, reais ou imaginários. Ele confia que de alguma maneira a riqueza acumulada irá garantir que serão inatacáveis.

O vício da cobiça naturalmente se associa a uma preocupação da pessoa por sua casa e posteridade. Do mesmo modo que um pássaro garante segurança a seus filhotes, construindo seu ninho (v. 9) no cume de um penhasco, também a pessoa cobiçosa, possivelmente o rei da Babilônia, luta por meios lícitos e ilícitos a fim de estabelecer sua dinastia.

Em conformidade com uma de suas inscrições, Nabucodonosor disse que um dos principais propósitos de seu reforço das paredes de Babilônia era construir um nome duradouro para seu reinado.

Ele também reza a seu deus Marduk: Que ele conceda como bênção vida para muitas gerações, uma posteridade abundante, um trono sólido e um longo reinado.

Mas as consequências da avareza são justamente o oposto do que o ganancioso deseja. Seus esquemas só garantem opróbrio sobre sua casa. Da mesma maneira que o pecado da cobiça de Acã levou à desgraça e condenação toda sua família (Js 7.24-26), também o pecado de acumular riqueza ilícita inevitavelmente destruirá todo o clã.

Habacuque 2:10 Vergonha maquinaste para a tua casa; destruindo tu a muitos povos, pecaste contra a tua alma.

O avarento só consegue atrair opróbrio sobre sua própria casa. Pode-se ver um desenrolar dramático de circunstâncias trágicas na vida de Aitofel, conselheiro de Davi (2Sm 15-17). Este, cujo conselho era como um oráculo de Deus, deixou Davi para aconselhar Absalão, aparentemente por lucro pessoal. Quando Aitofel soube que seu conselho seria desprezado, ele foi para sua cidade natal, pôs em ordem sua casa e se enforcou. Deste modo, ele atraiu opróbrio sobre toda sua família (2Sm 17.23).

De modo semelhante, o rei da Babilônia trouxe opróbrio sobre si mesmo e sobre sua própria casa. O rei pouco entendia que, pela cobiça, estava pecando contra sua própria alma. Ele havia pensado que estava assegurando a preservação de sua casa. Mas ironicamente só estava assentando uma base para a destruição juntamente dela e dele.

Habacuque 2:11 Porque a pedra clamará da parede, e a trave lhe responderá do madeiramento.

As últimas frases do provérbio voltam à imagem da “casa” e sua destruição. O processo agonizante de autodestruição continua enquanto um elemento da estrutura geme em agonia só para ser respondido por outro. A pedra clamará da parede e a trave lhe responderá do madeiramento. A dinastia do rei desaba a despeito de todos os esforços para garantir o trono por meio do acúmulo de riqueza ilimitada.

Habacuque 2:12 Ai daquele que edifica a cidade com sangue e a fundamenta com iniquidade!

Uma cidade representa a expressão final dos esforços humanos em “subjugar a terra”. Esta responsabilidade foi originalmente dada ao homem como a única criatura criada à imagem de Deus (cf Gn 1.26). A cidade se solidifica para a integridade singular da inteligência e habilidade de muitas pessoas distintas. Segundo os propósitos de Deus na criação e redenção, a população de uma cidade deve trabalhar conjuntamente para formar uma cultura e uma comunidade que realize todas as suas funções para a glória de Deus.

O começo da história das cidades nas Escrituras indica que dificilmente havia alguma semelhança entre a intenção divina para a civilização humana e o desenvolvimento concreto da cidade.

- Caim construiu a primeira cidade e a dedicou à glória de seu próprio filho (Gn 4.17).
- Ninrode foi um construtor de impérios, aparentemente com base em sua força e bravura na escravização de outros (Gn 10.8-12).
- A arrogância humana levou ao fiasco de Babel (Gn 11.4).
- As obscenidades praticadas nos vales voluptuosos de Canaã atraíram o fogo consumidor do juízo divino sobre Sodoma (Gn 13.10; 19.24-25).
- O tesouro das cidades do Egito veio a transformar-se em ocasião para a escravização do próprio povo de Deus (Êx 1.11).

Deus, porém, pronunciou uma máxima memorável. Ele falou de um modo inesquecível contra todo aquele que edifica a cidade com sangue e a fundamenta com iniquidade.

Habacuque 2:13 Não vem do SENHOR dos Exércitos que as nações labutem para o fogo e os povos se fatiguem em vão?

O esforço maciço não fará bem algum ao opressor. Trabalho e cansaço em erigir uma cidade inteira para defender seus interesses resultariam inúteis. Embora autojustificações sem fim sejam oferecidas em termos de vantagens culturais e defensivas aos habitantes da comunidade, o projeto inteiro terminaria em vexame.

O fim, segundo Habacuque, seria fogo e vaidade. Embora se dirija direta e especificamente à Babilônia, esse texto inclui as nações e povos de todas as gerações.

- Fogo do Senhor consumiu a luxúria das cidades das planícies (Gn 19.14).
- Deus foi à frente de Israel como um fogo consumidor destruindo todos os seus inimigos (Dt 9.3). M
- Mesmo a nação que tinha o privilégio de chamar-se pelo nome de Deus, por sua vez, teve suas cidades queimadas por persistir na desobediência (Is 1.7; Am 2.5).
- Então o Senhor virá no juízo final com fogo, destruindo completamente todos seus inimigos (Is 66.15; cf 2Pe 3.10).

Toda cultura humana, por sua vez, orgulha-se de suas realizações granjeadas por disciplina, devoção e trabalho duro. Mas no final das contas o núcleo podre da violência feita contra outros seres humanos, ironicamente, com a finalidade de alcançar objetivos humanísticos, será exposto e as metrópoles corrompidas serão totalmente destruídas.

Habacuque 2:14 Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar.

A segurança baseada na vaidade, a ausência de sentido dos caminhos opressivos dos povos, que aparentemente constroem comunidades estáveis, repousam na palavra imutável de Deus que Habacuque cita nesse momento.

Sua destruição pelo fogo do juízo divino não é garantida simplesmente pela ascensão e queda de muitas civilizações anteriores. Em vez disso, é o juramento do próprio Senhor de que a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor que garante a vaidade e a futilidade de todos os esforços em contrário.

Beleza nas canções, nas danças, na literatura, na arquitetura, tudo para a glória de Deus, encherá a terra como as águas cobrem o mar.

Essa declaração maravilhosa a princípio parece tão pouco relacionável com o fogo consumidor do juízo divino, contém elementos que repercutem na depravação humana, que devem receber atenção como um meio de preparação para a infalível glória de Deus.

- O Senhor jurou a Moisés que a terra se encheria de sua glória, porque aqueles que o tentaram no deserto “já dez vezes” não entrariam na terra da promessa (Nm 14.21-23).
- Isaías profetiza que a terra se encherá do conhecimento de Deus quando o descendente de Jessé tiver matado o perverso com o sopro de seus lábios (Is 11.4,9).

O diálogo de Habacuque começou com a perplexidade sobre a prosperidade do perverso entre o povo de Deus. Uma confusão se aprofundou quando Deus indicou que uma nação mais perversa que Israel iria servir de seu instrumento de punição escolhido para o castigo. A despeito de todo o tumulto reinante, o justo viveria pela fé.

- Deveria, porém, o perverso continuar contradizendo as leis expressas de Deus sem jamais receber algum tipo de correção final?
- Como é possível dizer que a glória de Deus enche a terra enquanto tais práticas prosseguem?

Somente quando as justas recompensas de juízo contra o perverso forem segundo seus merecimentos é que o verdadeiro conhecimento da santidade de Deus refulgirá com todo seu esplendor. Aos mais remotos confins do globo será levada a proclamação, a explanação da glória de Deus.

Em todos os outros lugares nas Escrituras da Antiga Aliança, o transbordamento da glória de Deus é associado particularmente com o tabernáculo ou o templo como o lugar da habitação de Deus na terra (Êx 40.34-35; 1 Rs 8.10-11; Ez 10.3; cf. Ag2.7). Mas agora os esplendores que emanam da presença de Deus encherão sua criação à plenitude.

Paulo, o apóstolo da Nova Aliança, capta algo dessa visão em sua descrição do novo templo de Deus, constituído por uma comunhão universal, na qual a glória de Deus se manifesta por intermédio de sua criação.

Ele ora por aqueles que se unem ao Messias.

Efésios 3:14, 18-19 Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.

Enquanto o anúncio de Habacuque, de que o Justo viverá pela fé, transita pelas nações, a terra se encherá do conhecimento da glória de Deus como as águas cobrem o mar.

As palavras de Habacuque devem aguardar a consumação de seu cumprimento final. Contudo, os eventos contemporâneos com os eventos do tempo de Habacuque não devem ser desconsiderados. A destruição de Babilônia trouxe grande alívio ao mundo perturbado da mesma maneira que o contínuo exercício do Justo juízo de Deus trabalha para trazer sua glória à plenitude.

Agora a infâmia dos pecados de Babilônia vem à superfície.

Bebedice, intimidações, rudeza e perversão caracterizam seu rei.

Pode-se descrever o comportamento do rei de Babilônia e sua corte como uma tela de fundo para descrever as atrocidades maiores associadas ao tratamento dado pelos babilônios às nações que invadiam.

Habacuque 2:15 Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro, misturando à bebida o seu furor, e que o embebeda para lhe contemplar as vergonhas!

A frase traduzida por misturando à bebida seu furor pode ser entendida de muitas maneiras, entre elas juntar.

O termo traduzido por seu furor pode significar “ira, furor”, ou poderia significar “peçonha”. **Deuteronômio 32:24 Consumidos serão pela fome, devorados pela febre e peste violenta; e contra eles enviarei dentes de feras e ardente peçonha de serpentes do pó.**

Parte da depravação inerente no pecado é sua insistência em envolver os outros em seu desregramento. O rei babilônio não se satisfaz em se embriagar; ele só pode descansar contente quando tiver forçado sua degradação a outros. Ele se compraz no divertimento depravado quando vê outros se entregando aos mesmos pecados.

Romanos 1:32 Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem.

Ele tem necessidade de acrescentar mais gente a seu reino de trevas com a consequência de excluir mais e mais gente do reino de Deus.

É quase um princípio universal que o pecado da embriaguez esteja associado à impureza sexual e à degradação do corpo.

As filhas de Ló o embebedaram para que pudessem cometer o ato ignominioso de incesto (Gn 19.32-35).

Noé se embriagou e isso o levou a expor sua nudez perante seu filho (Gn 9.21).

Então os babilônios embriagam as nações com a intenção de ver sua nudez e constrangê-lo a um ato de exposição indecorosa.

Habacuque 2:16 Serás farto de opróbrio em vez de honra; bebe tu também e exhibe a tua incircuncisão; chegará a tua vez de tomares o cálice da mão direita do SENHOR, e ignomínia cairá sobre a tua glória.

As ações dos babilônios por si só trazem opróbrio sobre si mesmos. Eles ficam saturados de ignomínia (grande desonra) em decorrência de sua perversidade.

Na descrição do juízo final que deve sobrevir à Babilônia, o caráter retributivo da punição se torna muito claro. Da mesma maneira que os babilônios tratavam os outros, assim também Deus os haveria de tratar. Se haviam embriagado a outros, eles mesmos seriam embriagados. Se haviam trazido opróbrio e desonra a outros pela atividade sexual depravada, Deus os envergonharia diante de todas as nações.

Por mais repulsiva que pareça a “ira” de Deus às sofisticções da mente moderna, ela é uma realidade bíblica que acha espantosa expressão quando o Filho de Deus sofreu no lugar do pecador, bebendo do cálice do furor de Deus.

O derramamento da ira no cálice acha expressão consumada no livro do Apocalipse, em que “Babilônia” emerge como um símbolo que engloba a perversidade entre as nações. Babilônia fez todas as nações beberem do vinho enlouquecedor de seus adultérios (Ap 14.8). Mas, agora, qualquer um que tenha participado dessas perversões deve beber o vinho do furor de Deus que foi derramado no cálice de sua ira (Ap 17.4).

Assim, Babilônia obrigou as nações a beberem do cálice da fúria de Yahweh. Babilônia foi feita o instrumento dos justos juízos de Deus na terra. Inclusive o povo de Deus bebeu desse cálice amargo das mãos dos babilônios.

Mas agora é a vez dos babilônios. Eles foram simplesmente o instrumento de juízo do Senhor. No final, a própria mão direita do Senhor administrará esse cálice.

Habacuque 2:17 Porque a violência contra o Líbano te cobrirá, e a destruição que fizeste dos animais ferozes te assombrará, por causa do sangue dos homens e da violência contra a terra, contra a cidade e contra todos os seus moradores.

Babilônia deve sofrer a humilhação devastadora em decorrência da violência feita ao Líbano. Por que o Líbano? Por que não pela violência feita a Jerusalém? Mui provavelmente, o oráculo do Senhor especifica o Líbano em decorrência de sua beleza proverbial, que contrasta tão drasticamente com sua aparência após a destruição efetuada pelos invasores babilônios. Tão proverbial por sua majestade eram os cedros do Líbano que Salomão deu-lhes lugar especial.

I Reis 4:33 Discorreu sobre todas as plantas, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que brota do muro; também falou dos animais e das aves, dos répteis e dos peixes.

O mais impressionante, porém, é que esse provérbio particular imprime a ideia de reciprocidade no juízo:

Se os babilônios obrigam outros a beberem... eles serão embebedados

Se os babilônios praticam a perversão sexual... eles serão expostos

Se os babilônios promovem sua própria glória... eles serão envergonhados

Se os babilônios vivem de violência desmedida... eles serão mortos por justa violência.

Este conceito de execução de justiça recíproca não apela para a humanidade. Mas é o método de Deus. Desta maneira ele se mostra imparcial e justo como Juiz. Assim, ele finalmente se estabelece como justo e também justificador do ímpio que crê. Pois Jesus Cristo bebeu o cálice do furor de Deus até a última gota, e então se tomou o Salvador de todos os que renunciam a seu orgulho próprio e à violência, só esperando dele salvação. Não passou muito tempo e os caminhos do Senhor se manifestaram a esta poderosa nação. Enquanto o rei da Babilônia bebia com seus companheiros nos cálices de ouro de suas conquistas, a escrita de Deus que selou seu destino apareceu na parede (Dn 5.1-31).

Essa última máxima proverbial contra os babilônios assume uma forma distintiva.

Ela começa com a denúncia antes de recitar o costumeiro ai! que ele introduziu nos quatro ditos anteriores.

Cada um recebeu ameaça de juízo severo. O saqueador será saqueado (v. 6-8), o fortificado será exposto (v. 9- 11), O civilizado será desmoralizado (v. 12-14) e o impudente será difamado (v. 15-17).

Ora, nesta última máxima os babilônios recebem a mensagem de absoluta certeza sobre os Justos propósitos de Deus. Deus nenhum, nem poderes nos céus ou na terra podem resistir à realidade do Deus vivo, único e verdadeiro.

Habacuque 2:18 Que aproveita o ídolo, visto que o seu artífice o esculpiu? E a imagem de fundição, mestra de mentiras, para que o artífice confie na obra, fazendo ídolos mudos?

Os rivais pagãos do Deus que fala a Habacuque aparecem sob a forma de ídolos mudos. Eles são impressionantes; sim, maravilhosos em sua aparência externa.

Mas que aproveita o ídolo, visto que seu artífice o esculpiu?

Sua própria origem, bem como sua constituição, testificam de sua inutilidade.

A descrição que Deus faz deles zomba de sua existência.

Israel foi categoricamente proibido de fazer tais formas, de qualquer coisa criada ou imaginada (Êx 20.4). Na renovação da aliança, a nação reunida teve de pronunciar sua própria maldição sobre qualquer pessoa que fizesse um ídolo de escultura ou imagem fundida, pois tal objeto seria uma abominação ao Senhor (Dt 27.15).

Não só a fabricação de ídolo garante a maldição de Deus. Ele também tem o efeito de enganar até o próprio artífice. Embora a imagem não pudesse falar, ela comunicava uma falsidade transmitida por sua aparência de que ela possuía poderes de um ser sobrenatural. E, desta maneira, encorajava a seus espectadores a colocarem sua confiança em sua forma impressionante, a fazer pedidos a essa imagem por ajuda em tempos de necessidades ou a atribuir prosperidade inesperada à intervenção especial do objeto feito por homens.

Habacuque 2:19 Ai daquele que diz à madeira: Acorda! E à pedra muda: Desperta! Pode o ídolo ensinar? Eis que está coberto de ouro e de prata, mas, no seu interior, não há fôlego nenhum.

19. Esta máxima proverbial continua motejando daqueles que olham para o ídolo em busca de alívio ou ajuda, invocando-o em tempos de dificuldades. Quanta estultícia existe naquele que tenta animar uma árvore ou acordar uma pedra!

Talvez uma árvore simbolizasse a fonte da vida para seu adorador, visto que numerosas bênçãos se derivam desse espécime maior de vida vegetal. A árvore fornece fruto e sombra, madeira para construção e lenha para o fogo. Possivelmente, a pedra simbolizasse estabilidade a uma criatura que sempre suporta mudança. Por mais que a fortuna variasse, a expressão esculpida na face de uma pedra permanecia sempre a mesma. Contudo, em resposta a um grito por socorro da parte de seus devotos, a árvore e a pedra permaneciam sempre silenciosas, como que zombando de qualquer pessoa que procurasse por ajuda. Os sacerdotes de Baal muito tempo atrás viram que era impossível despertar seu deus adormecido (1 Rs 18.26-28).

Porventura se deve esperar que o deus de pedra realmente ensine? Por acaso ele poderá instruir o povo como é preciso para garantir-lhe prosperidade? A pedra muda permanece em contraste absoluto com o Deus da revelação manifestado nas Escrituras. Deus deixou claro a Moisés que na qualidade de quem fez a boca do homem, ele também podia fazer até o mudo falar (Ex 4.12). Devido ao fato de que o povo não aguentava ouvir a voz de Deus, ele providenciou instrumentos de revelação a fim de ensinar ao povo o caminho que deviam andar (cf Êx 24.12; Lv 10.11; ISm 12.23; SI 27.11).

Ao contrário disso, os deuses dos ímpios são cobertos de ouro e de prata, não têm em si o mais leve fôlego. O brilho do ídolo não pode esconder sua falta de vida.[^] Suas coberturas espetaculares podiam parecer uma tênue ilusão de vida. Mas as próprias coberturas atestam seu estado mortuário. Como enfatiza a forma de expressão escolhida por Habacuque, não há o mínimo fôlego de vida no ídolo (w[^]kol-rüah 'ên b[^]qirbô).

Não obstante, mais desejado que ouro com sua fascinação são os preceitos do Senhor (SI 19.10). Seus mandamentos são melhores que os infintos tesouros de riqueza material (SI 119.72,127).

Portanto, assim fica estabelecido: os deuses dos babilônios não podem oferecer nenhuma ajuda.

Habacuque 2:20 O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra.

20. O Senhor, porém, está em seu, santo templo. Embora uma conjunção especificamente adversativa esteja faltando, este último versículo contrasta a vitalidade do único Deus verdadeiro com o entorpecimento e silêncio dos ídolos. O templo, desde a época de sua dedicação por Salomão, foi estabelecido como a fonte da qual emanariam a instrução divina e o auxílio. Mesmo se Deus tivesse de castigar um povo desobediente, o templo consagrado permaneceria como o lugar onde Deus ouviria, perdoaria e ensinaria a seu povo o caminho a seguir (1 Rs 8.36).

Segundo a visão de Isaías, o monte da Casa de Yahweh seria estabelecido no cume das montanhas, e de lá ele ensinaria seus caminhos a muitos povos. A lei iria sair de Sião e de seu templo (Is 2.3-4). Signi ficativamente para o contexto de Habacuqu 2, a visão de Isaías descreve um dia em que Deus irá julgar de Sião muitas nações, e irá repreender muitos povos (hôkiah', conferir Hc 2.1). Da mesma maneira que seus deuses, as nações da terra iriam permanecer em silêncio perante Yahweh.

O templo permanecia no meio de Israel como um lugar de sua presença e sua soberania entre seu povo. O termo para templo (hêkal), nas Escrituras, raramente descreve o palácio de um rei terreno. Mas ele aparece em uma sucessão de narrativas como sendo o lugar de onde Deus governaria em Israel, incluindo o tabernáculo em Siló (1 Sm 1.9; 3.3), o templo de Salomão (1 Rs 6.1 -2; etc.), o templo de Ezequiel (Ez 41.1,4,15); e o templo construído depois da restauração do exílio (Zc 8.9; Ag 2.15,18).

De uma perspectiva da Nova Aliança, o conceito equivalente se aplica ao corpo de Jesus Cristo (Jo 2.19), o corpo do cristão individual (1 Co 3.16-17) e à comunidade da igreja cristã (Ef 2.21).

A essência da ideia do templo do Senhor pode ser vista na declaração do livro do Apocalipse com respeito à ausência de templo nos novos céus e nova terra. O Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro serão o Templo da Nova Jerusalém (Ap 21.22). A presença de Deus e de Cristo deverá permear totalmente a última cidade e, por essa razão, não haverá necessidade de um edifício de templo.

E apropriado, pois, que se ordene a toda a terra: cale-se diante dele (Hc 2.20b). Esta mesma ordem aparece tanto em Sofonias como em Zacarias num contexto de juízo pendente (Sf 1.7; Zc 2.17 [Eng. 13]). Ambos os casos podem oferecer mais apoio à importância da profecia de Habacuque.

Habacuque começou seu diálogo com grande esforço para entender os caminhos misteriosos de um Deus santo com um povo pecador. Agora ele permanece na presença do santo templo do Senhor, mudo em reverente admiração. Talvez ele não tenha entendido plenamente todas as implicações da resposta divina à sua pergunta. Contudo, ele permanece seguro da permanente soberania de seu Deus, de sua justiça em condenar todos os violadores de sua santa lei e de sua misericórdia infinita em garantir vida a todos os que confiam nele e nas provisões que ele prometeu ao pecador.